

/ PALAVRA DO LEITOR

Sistemistas da GM

O modelo de condomínio industrial da General Motors (GM) em Gravataí concentra 14 sistemistas, a maioria delas europeias (Jornal do Comércio, edição de 03/08/2026). Quando vamos começar a refletir sobre isso? Não conseguimos produzir um celular. A única fábrica de semicondutores do País quase foi fechada. Quando vejo esse grande volume de carros elétricos fabricados na China, lembro-me do empresário de Lajeado que lutou para desenvolver um carro brasileiro e elétrico. Quantas boas ideias não conseguimos colocar em prática. *(Jarbas Cardoso)*



Sistemistas da GM II

As montadoras são multinacionais, e a maioria dos seus pares também. Cabe ao trabalhador brasileiro a mão de obra. Aqui, com salário de US\$ 500, quando na matriz é US\$ 5 mil. *(Fernando Dias)*

Sistemistas da GM III

Há uma única empresa brasileira entre 14 sistemistas. Isso mostra o quanto ainda precisamos fortalecer a indústria nacional para gerar mais empregos, tecnologia e desenvolvimento dentro do nosso próprio País. *(Adolfo Medeiros)*

Lotações

A partir do dia 14 de agosto, as linhas Menino Deus e Jardim Vila Nova serão desligadas dos cronogramas das lotações (JC, 30/07/2026). Lamento o fim das duas linhas, pois andar de ônibus está insuportável, demoram para passar e estão sempre lotados. Nem todas as pessoas têm orçamento para usar carro de aplicativo diariamente. *(Fernanda Shunyata)*

Lotações II

O poder público está dando as costas para essa modalidade de transporte público. Lotações poderiam facilmente ser corrigidas, se houvesse participação ativa da prefeitura e dos políticos. *(Lucas Passos)*

Lotações III

O serviço de lotação era bom para ir até o Centro de Porto Alegre, deixava mais perto de alguns lugares. Para quem vem da Zona Norte ou da Zona Sul, era muito mais barato pagar R\$ 8 na lotação do que desembolsar R\$ 25 a R\$ 30 de Uber. *(Alexandre Valli)*

Lotações IV

Muitas pessoas diziam que a entrada dos aplicativos ia acabar com o serviço de táxi, mas está acabando com o transporte dos menos favorecidos economicamente. Quem está sentindo mais são os ônibus e as lotações. O táxi tem seus clientes fiéis, e os aplicativos não competem com esse tipo de transporte. Quem acaba sofrendo mais é a população carente e menos favorecida. *(Cristiano Freitas)*

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. É necessário indicar no título do e-mail se é “Artigo” ou “Palavra do Leitor”. Os artigos e cartas publicados com assinatura são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

/ ARTIGOS

IA no plástico: o momento de agir é agora

Alfredo Schmitt

Os números são claros: a Inteligência Artificial já é uma realidade na indústria brasileira. Segundo levantamento do IBGE divulgado em março de 2026, o percentual de empresas industriais que utilizam IA saltou de 16,9% em 2022 para 41,9% em 2024 – um crescimento de mais de 160% em apenas dois anos. Além disso, pesquisa da IDC encomendada pela Microsoft Brasil, divulgada em junho deste ano, revela que 88% dos executivos brasileiros acreditam que a IA será o principal motor de competitividade até 2030. São dados contundentes, que mostram que essa tecnologia deixou de ser privilégio de grandes corporações para se tornar um imperativo competitivo em todos os portes.

Na indústria do plástico, esse movimento não é diferente. Pelo contrário. O setor vive um momento de transformação, impulsionado não apenas pela digitalização, mas também por novas exigências regulatórias e pela pressão por eficiência operacional em um cenário de custos voláteis de matéria-prima. Embora ainda tímida, a Inteligência Artificial já aparece em soluções que reduzem desperdícios, aumentam a produtividade e geram economia direta no custo final do produto, seja em pequenas, médias ou grandes empresas. Mas é necessário ainda mais.

O caminho não precisa começar com grandes investimentos. Mas precisa evoluir, e rápido. Entidades como o Sinplast-RS vêm oferecendo informação, capacitação e conectando a indústria

gaúcha às melhores práticas e tecnologias disponíveis. Em agosto, nos dias 26 e 27, inclusive, acontece a 6ª edição do Congresso Brasileiro do Plástico, promovido pelo Instituto SustenPlást com o tema central “Plásticos: Soluções na Era da Inteligência Artificial”. É a primeira vez que um dos principais fóruns técnicos do setor coloca a IA no centro do debate. Serão dois dias para entender, na prática, como a inteligência artificial está redesenhando o futuro do plástico.

A mensagem é direta: Inteligência Artificial não é mais uma aposta de longo prazo. É uma ferramenta disponível agora, neste momento, para quem quiser produzir melhor, gastar menos e se antecipar às transformações do mercado. À medida que a cadeia produtiva como um todo avança na adoção dessas tecnologias, quem não se atualiza perde competitividade em escala, prazo e qualidade. As empresas que ignorarem esse movimento correm o sério risco de serem atropeladas por ele. No meio de tudo isso, o risco real é ficar de fora.

Presidente do Sindicato das Indústrias do Material Plástico no Rio Grande do Sul (Sinplast-RS)

A mensagem é direta: Inteligência Artificial não é mais uma aposta de longo prazo

O risco vai além do trabalho infantil

Karen Karam

Durante muito tempo, o bullying foi associado aos corredores e pátios das escolas. Hoje, ele também nasce nas telas, com fotos, vídeos e momentos da infância publicados muitas vezes sem qualquer reflexão. Esses registros podem se transformar, anos depois, em combustível para humilhações, constrangimentos e episódios de cyberbullying.

É justamente nesse contexto que a recente nota técnica do Ministério Público do Trabalho (MPT) ganha relevância. Embora trate da atuação de crianças como influenciadoras digitais, o documento amplia um debate que vai muito além das relações de trabalho: a necessidade de proteger crianças e adolescentes da exposição precoce e das consequências que ela pode gerar.

O posicionamento do MPT tem relação com a entrada em vigor do ECA Digital, em março de 2026. A nova legislação determinou que as famílias de influenciadores mirins precisam de autorização judicial para manter a monetização de perfis nas redes sociais. Em resposta a essa demanda, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) passou a elaborar

normas para orientar essas concessões, motivando o MPT a emitir sua nota técnica para balizá-las.

No documento, o órgão defende que a atividade de influenciador digital seja vedada para menores de 16 anos, o que reforça que o ambiente digital não é uma zona livre de proteção jurídica. Como aponta o MPT, o principal direito da criança é o “não-trabalho”. Uma criança que trabalha na internet perde tempo de estudo, de lazer e de convivência familiar, comprometendo seu pleno desenvolvimento.

O ECA Digital corrobora essa visão ao estabelecer que a proteção online é uma responsabilidade compartilhada entre a família, a sociedade, o Estado e, de forma inédita, as plataformas digitais. Essa responsabilização é um passo fundamental para frear a monetização desenfreada que muitas vezes ignora o bem-estar infantil.

A mesma lógica preventiva orienta a atualização da Norma Regulamentadora nº 1 (NR-1), em vigor desde maio de 2026. Ao exigir o gerenciamento de riscos psicossociais, a norma determina que escolas e faculdades atuem na identificação de fatores de risco e na criação de ambientes seguros, antes que o dano se instale.

Discutir o trabalho infantil no ambiente digital é importante, mas toda forma de exposição infantil exige limites, responsabilidade e prevenção. Se queremos enfrentar o cyberbullying de forma efetiva, precisamos começar antes da primeira publicação.

Advogada